

**FAMÍLIA. ESCOLA E PSICOPEDAGOGIA: SOMANDO ESFORÇOS PARA O
ÊXITO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM**

Benedito Antônio Nonato Pinheiro¹

Revista Saberes e Sabores Educacionais

ISSN 2359-263X

Vol. 7, 2020.

¹ Mestre em Ciências de la Educación pela UDS (Universidad de Desarrollo Sustentable/PY). Professor de Séries Iniciais, técnico da coordenação do Ensino Fundamental na Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba/PA. Email: bn.pinheiro@bol.com.br

Resumo:

O presente estudo, objetiva destacar acerca da relevante contribuição que a psicopedagogia pode implementar à relação família e escola. Faz uso da abordagem qualitativa e de procedimentos metodológicos da pesquisa bibliográfica, por meio do levantamento junto a aportes teóricos e documentais que debatem o assunto em questão. Considera que efetivamente propiciam ao sujeito-aluno uma educação humanizadora, possibilitando a inclusão, estimulando a criticidade, a criatividade, a espontaneidade, a participação, a coletividade, em especial o respeito e a valorização a si e ao outro, o que com certeza resultará em avanços significativos no processo ensino-aprendizagem. Assim como, que família e escola ao serem orientadas e acompanhadas pela Psicopedagogia, conseguem contribuir com valores necessários a uma convivência mais respeitadora e harmônica, em especial, valores como afetividade e respeito no âmbito familiar e escolar, preparando-os ainda para saberem lidar adequadamente com as exigências dos tempos modernos, oportunizando-os de fato um processo ensino-aprendizagem exitoso.

Palavras-chave: Família; Escola; Psicopedagogia; Ensino-aprendizagem.

Abstract:

This study aims to highlight the relevant contribution that psychopedagogy can implement to the relationship between family and school. It makes use of the qualitative approach and methodological procedures of bibliographic research, by means of a survey of theoretical and documentary contributions that debate the subject in question. It considers that they effectively provide the student-subject with a humanizing education, enabling inclusion, stimulating criticality, creativity, spontaneity, participation, collectivity, especially respect and appreciation for oneself and the other, which will surely result significant advances in the teaching-learning process. Likewise, what family and school, when guided and accompanied by Psychopedagogy, are able to contribute with values necessary for a more respectful and harmonious coexistence, in particular, values such as affection and respect in the family and school, preparing them to know how to deal properly with the demands of modern times, giving them a successful teaching-learning process.

Keywords: Family; School; Psychopedagogy; Teaching-learning

Introdução:

Historicamente, família e escola têm buscado, muitas vezes de forma isolada, a adequação necessária às mudanças sociais, que se apresentam cada vez mais desafiadoras. Entretanto, estabelecendo parcerias entre família e escola, retira-se do aluno a condição de mero receptor de conhecimento, proporcionando que possa vir a ser e a fazer parte de um processo mais amplo de ensino e aprendizagem.

Cabe a escola, criar condições onde a troca de experiências e ideais sejam construídas e partilhadas, a fim de que a educação possa ser entendida e trabalhada de forma ampla, em que não se priorize apenas um aspecto de

formação, mas sim sua totalidade, tornando a atividade prazerosa e atrativa para a criança.

As atividades compreendidas como coletivas e cooperativas entre família e escola, poderão proporcionar além de uma interação mais efetiva, o estabelecimento de parcerias na formação de seus sujeitos – alunos, conscientes de que o desenvolvimento social exige cada vez mais uma formação sólida, ampla e profunda dos seus membros. Neste sentido, a escola enquanto detentora da função formadora, e tendo conhecimento de que o ser humano é um ser rico em necessidades e capacidades físicas, emocionais, culturais, espirituais e intelectuais, deve buscar contribuir da melhor maneira possível para essa multiplicidade.

A família poderá rever, refletir e analisar seus processos de relacionamentos interpessoais. A escola e os professores poderão repensar suas práticas e resultados. Assim, o sujeito-aluno é visto como um todo, nessa rede de relações. Isto porque, o aprender está estreitamente ligado às relações humanas, não se aprende com qualquer pessoa, mas sim com quem se tenha alguma identificação.

A Psicopedagogia, por sua vez, busca contribuir para uma ampliação do conceito de aprendizagem; na era pós-moderna, em que mudanças profundas no acesso à informação e organização das instituições, exigem um repensar acerca da complexidade desse fenômeno, quebrando visões estanques, como a supervalorização dos aspectos racionais e cognitivos, somando agora, aos mesmos os aspectos emocionais e dinâmico-relacionais.

O presente estudo, portanto, objetiva destacar acerca da relevante contribuição que a psicopedagogia pode implementar à relação família e escola. Faz uso da metodologia da pesquisa bibliográfica por meio do levantamento junto a aportes teóricos que debatem o assunto em questão. Para tanto, destaca acerca de família e escola como relevantes instituições sociais; a educação necessária nos tempos modernos; Psicopedagogia; assim como acerca do papel do Psicopedagogo na relação família-escola e algumas

considerações as quais evidenciam o quão a Psicopedagogia pode contribuir com a relação família-escola.

Família e Escola: relevantes instituições sociais

Ao longo da vida o sujeito convive com vários grupos ou instituições sociais, entre os quais merecem destaque a Família e a Escola. Para Tavares e Nogueira (2013) “a família e a escola são as principais instâncias sociais nas quais a criança está inserida e no interior das quais se constroem os processos de sua socialização, primariamente no meio familiar e, secundariamente, na escola. [...]” (p. 43).

A família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo de ação no qual também, às vezes, experimenta tristezas, desencontros, brigas, ciúmes, medos. Uma família sadia sempre tem momentos de grata e prazerosa emoção alternados com momentos de tristeza, discussões e desentendimentos, que serão sanados através do entendimento, do perdão, tão necessário, e da aprendizagem de como devemos nos preparar adequadamente para sermos cidadãos sociáveis.

A humanidade como um todo está perdendo o sentido propriamente humano da afetividade e compromisso com a coletividade para a individualidade e o consumismo. Com a tecnologia altamente desenvolvida, tudo fica bonito e veloz, mas, dentro de casa, onde estão os sentimentos? Onde está o espaço do diálogo entre os familiares? A grande chave do relacionamento familiar é poder amar de verdade e converter isso em ação. Para tanto há que se reservar um tempo específico. E, na atualidade, tudo indica que tal ação não esteja ocorrendo a contento.

Nossa sociedade de tantas contradições está promovendo muito mais a aproximação e intercâmbio entre projetos e culturas diferentes, do que entre os membros de uma mesma família e, também, do que entre as famílias e as relações de grupos que seus filhos frequentam, no espaço escolar.

É certo que os papéis da família e da escola, antes prioritariamente repressores, modificaram-se ao longo das últimas décadas. Uma das principais

diferenças refere-se à transmissão do conhecimento, pois antigamente, essa transmissão dava-se apenas na escola, a agência por excelência destinada à transmissão dos conhecimentos acumulados pela sociedade. Os valores e padrões de comportamento eram ensinados e cultivados em casa.

Atualmente, é perceptível que, infelizmente muitas famílias têm passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos, esperando até mesmo que professores transmitam valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, desde boas maneiras até hábitos de higiene pessoal. Justificam alegando que trabalham cada vez mais, não dispondo de tempo para educar os filhos.

Percebe-se ainda que uma parcela considerável de escolas, por sua vez, afirma que o êxito do processo educacional depende, e muito, da atuação e participação da família, que deve estar atenta a todos os aspectos do desenvolvimento do educando. Reclama bastante da responsabilidade pela formação ampla dos alunos que os pais transferiram para ela, situação esta, que ao invés de ter as famílias como aliadas, acaba afastando-as ainda mais do ambiente escolar.

Como as demais instituições sociais, a família e a escola, passam por mudanças que redefinem sua estrutura, seu significado e o seu papel na sociedade. É o que tem acontecido nos dias de hoje, em função de diversos fatores, sobretudo, a emancipação feminina. Com isso, os papéis da escola foram ampliados para dar conta das novas demandas da família e da sociedade. Esse é um fato que deve, necessariamente, ser levado em consideração quando se trabalha com a escola. Negá-lo é agir fora da realidade e não obter resultados satisfatórios.

Isto é, “a escola necessita saber de que é uma instituição que complementa a família, e que ambos precisam ser lugares agradáveis e afetivos para os alunos/filhos. Os pais e a escola devem ter princípios muito próximos para o benefício do filho/aluno” (TIBA, 2012, p.140). Tal parceria implica em colocar-se no lugar do outro, e não apenas enquanto troca de favores, mas cooperando.

As escolas, por sua vez, estão abrindo espaços para a participação das famílias, a ponto de, hoje, família e escola serem coautoras das decisões administrativas e pedagógicas, o que acaba favorecendo e facilitando a educação dos estudantes. As faculdades de Pedagogia e os cursos de licenciatura vêm debatendo a necessidade de ambas caminharem juntas, se responsabilizando mutuamente pela formação dos alunos. Isto porque,

O processo de conhecimento tem sua base inicial no seio familiar onde os pais formam o caráter, transmitem os valores, respeito e observância das regras sociais. A vida escolar vai contribuir com o crescimento recebido em casa, vai acrescentar informar e reforçar a compreensão de direitos e deveres, responsabilidades sociais e o sentido de cidadania. (CHRAIM, 2009, p.45)

Desta forma, valorizar a heterogeneidade em lugar da ambicionada homogeneidade perseguida pela escola tradicional, a universalização do ensino, evitando a discriminação e o abandono, o processo e não apenas o produto do conhecimento, o respeito à diferença, investindo na educação inclusiva, o papel do professor como mediador do processo, bem como a necessidade de constituir junto aos estudantes valores e conceitos para a vida harmoniosa e plena em cidadania, são tarefas relativamente recentes e bastante complexas a serem assumidas por todos os envolvidos no trabalho escolar.

Essa relação implica em uma capacidade de comunicação que exige a compreensão da mensagem que o outro quer transmitir, e para tanto, se faz necessário, a competência e o desejo de escutar o que está sendo expresso, bem como a flexibilidade para apreender ideias e valores que podem ser diferentes dos nossos.

Família e escola: a educação necessária nos tempos modernos

A educação é a busca constante de pessoas e de grupos na construção da vida. Ela acontece de forma permanente, desde o ventre materno,

desenvolvendo as capacidades físicas, psíquicas, espirituais, sociais, intelectuais e morais das pessoas.

O mundo em que vivemos é formado por uma diversidade de espécies nas quais o homem, um ser racional é o principal precursor da história mundial e por ser dotado de tal inteligência, faz com que sua história se construa não individualmente, mas conjuntamente com outros. Assim sendo, a história do indivíduo sempre foi a de pertencer a grupos, onde lá aprende suas regras, costumes, enfim aprende a viver com os demais.

Foram tantas as mudanças de comportamento e mentalidade nos últimos anos, a ponto de pais e escolas precisarem adaptar-se a um novo sistema educativo em busca da saúde social, a escola em especial, por ser considerada a instituição da informação e formação.

A família é a primeira figura ensinante, pois a maneira como o aluno aprende e se relaciona com o objeto de conhecimento tem a marca deixada por ela. Lidar com as famílias hoje é lidar com a diversidade: famílias em processo de separação, reconstruídas, constituídas por casais homossexuais, com filhos adotivos, etc. E na maioria das vezes, o processo de aprendizagem é influenciado pelas relações que seus membros mantêm entre si.

Os pais podem escolher a maneira de ver seus filhos e apreciar o que é único em cada um. Ao se dar valor aos filhos, eles descobrem como dar valor a si próprio. Ao se prestar atenção e ouvir seus desejos, preocupações, sonhos, piadas e histórias, evidencia-se que são importantes, que são amados. Como bem afirmam Harris e Nolte (2009), “não há melhor motivo para fazermos as pazes com nós mesmos e admitirmos nossas imperfeições do que saber que o nosso exemplo pode levar nossos filhos a gostarem de si mesmos, tornando assim suas vidas melhores”. (p. 62)

A maioria dos pais acredita que a escola é continuação do seu lar e cobra dela o que é de sua responsabilidade. Com a mudança contínua da estrutura familiar moderna, pais e mães por vezes apresentam atitudes negativas na educação de seus filhos: somente apontam defeitos e os

corrigem; são superprotetores, impedindo a capacidade de autonomia; são pessimistas e desestimulam os filhos a sonhar com a realização pessoal.

Frente aos avanços e às competições do mundo moderno, as relações familiares foram fortemente afetadas, tornando-se diferentes das relações das gerações anteriores, tanto que, hoje muitos pais têm sérias dificuldades com os filhos e vice-versa.

Família e Escola dividem funções importantíssimas, no que se refere a instruir e educar as crianças e jovens, compartilhando conhecimentos e valores. Por vezes, uma delega à outra tais responsabilidades e deixa o aluno sem direção a seguir. Entretanto, a escola precisa compreender o funcionamento da família e esta, por sua vez, deve se interessar pelo desempenho e pelas atitudes dos filhos.

A família proporciona à criança sua primeira experiência de viver e trabalhar com outras pessoas em uma comunidade. Mesmo dentro da família, existem inúmeras diferenças individuais. O que agrada a uma pessoa pode incomodar outra. Desenvolver o respeito mútuo e aprender a aceitar, até mesmo a apreciar, as nossas diferenças, leva certo tempo e requer muita paciência.

Ao aceitar essas diferenças, porém, e aprender a funcionar como um grupo descobre-se o lado prazeroso de fazer parte de uma família. Para viver em sociedade, segundo Tiba (2007), além da inteligência, o ser humano necessita seguir vivenciando ativamente as regras de convivência.

Moreno (2005), afirma que os valores são os eixos fundamentais que orientam a vida humana e constituem a chave do comportamento das pessoas, o que nos reporta para a instituição considerada com grande responsabilidade de educar, e que além do mais é a porta de entrada para a convivência dita realmente social, a escola.

É na escola que o ser humano toma contato com a vida social, logo a mesma necessita, mais do que nunca, atentar-se para o relacionamento dos sujeitos que fazem parte da Comunidade Escolar, pois poucos são os que demonstram atitudes embasadas em valores morais, éticos, cristãos, que

proporcionam uma relação harmônica, já que, o individualismo, a competitividade, o eu acima de todos, vem tomando conta da razão de ser e de viver da grande maioria dos seres humanos.

Relacionar-se consigo e com o outro, não é uma tarefa tão simples, muito pelo contrário, posto que cada sujeito tem sua personalidade própria, sua maneira de pensar e de agir, suas concepções, e conviver harmonicamente, implica em aceitar as diferenças, aceitar o outro como ele é, bem como conhecer e aceitar a si mesmo, para que então, possamos efetivamente construir relações nas quais se sobressaiam o respeito e a afetividade.

Valores como respeito, afetividade, solidariedade, tolerância, diálogo, boas maneiras, bondade, são raros nos dias de hoje, tanto que, pessoas que cultivam tais valores, são denominadas de “raridade”, no sentido de admiração, mas de “caretas”, no sentido pejorativo, de quem “não está com nada”, já que é “normal” você preocupar-se apenas consigo mesmo, ou quando muito com seus familiares.

Nesse sentido, a escola tem uma nova e fundamental responsabilidade, a de oferecer uma educação capaz de contribuir para a valorização do próprio eu, para depois se saber conviver com o outro, e por que não, conseguir como resultado uma realidade social bem mais harmônica, pacífica, coletiva. Porém, a família deve ser uma parceira incondicional, nessa nova forma de educar, posto que, quando utiliza mesma linguagem e valores utilizados pela escola, o processo ensino-aprendizado, torna-se mais significativo; até porque a escola sozinha não é responsável pela formação da personalidade, mas tem papel complementar ao da família.

Entretanto, padrões e regras são fixados pela mídia e pela contemporaneidade. Modelos são instituídos como ideias a serem seguidos, confundindo os valores éticos e morais da convivência humana, dificultando os relacionamentos. O medo e a incerteza das ações fazem com que os pais sejam vulneráveis e flexíveis demasiadamente nas atitudes simples como dizer “sim” ou “não” ao filho.

Dessa forma, muitos pais preferem ceder aos desejos e exigências dos filhos, mesmo discordando das situações. Demonstrando assim, que se faz necessária a busca de um equilíbrio entre razão e emoção, fundamental a qualquer relacionamento humano. Devemos fortalecer as relações baseadas no afeto, respeito e responsabilidade, uma vez que educar é tirar do sujeito o que ele tem de bom. É exaltar as qualidades e disciplinar amorosamente.

O ser humano fez progressos admiráveis na tecnologia, mas na vida afetiva, psicológica e social, continua em débito consigo mesmo e com os que o cercam. Raramente consegue se doar, se mostrar, pois geralmente, vive fechado em si mesmo, sufocando emoções e sentimentos. Tanto que, Cury (2008) argumenta que,

Estudamos e discutimos sobre o mundo que nos cerca, da política a física, mais não sabemos chorar, falar de nossas crises, comentar nossos sonhos. Nosso superficialismo beira o inacreditável. Não aprendemos a velejar nas águas da psique. [...]
Não sabemos analisar nossas tolices, fragilidades, inseguranças, fobias, ansiedades. [...] (p. 43)

O mundo vive um verdadeiro dilema, no sentido da desumanização, as tecnologias mostram isso a todo instante, observa-se que cada vez mais o ser humano está distante da sua verdadeira essência do “eu”. Logo, a educação não pode ser vista como algo isolado e distante da vida das pessoas.

Faz-se necessária uma relação entre o que se aprende com os conhecimentos e as experiências vivenciadas; precisamos contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades que oportunizem a adequada relação com o “eu” e com o meio que o cerca.

Para que a educação possa exercer de forma competente esta tarefa, deve estar intrinsecamente ligada e inserida na sociedade. Deve evoluir acompanhando a evolução da sociedade. Tal evolução implica numa busca de integrar as transformações ao trabalho educacional, uma vez que, os alunos querem algo mais: movimento, sons, sentimento, alegria, símbolos; caso não

esteja sintonizado ao que lhe está sendo apresentado, muda de canal, “desliga-se” do professor, está fisicamente em sala de aula, mas a sua mente “viaja” para bem distante.

É extremamente urgente e necessário, juntamente com os alunos, pensar em maneiras que auxiliem em obter respostas aos anseios atuais, o que poderá levá-los a uma busca comprometida pela qualidade, podendo beneficiar tanto no convívio escolar, como no social. Isto porque, para Heerdt (2005) “a pessoa que vai à escola, entre outras coisas está em busca de uma referência para a vida futura, procurando alcançar metas para sua sobrevivência” (p.70).

A humanidade chegou a um ponto que se faz extremamente necessário, rever não somente teorias e métodos de como ensinar e aprender, mas principalmente, o que trabalhar no contexto escolar, visto que, muitos assuntos que não são vistos na escola, também não são vistos em nenhum outro contexto.

Assim sendo, Edgar Morin (2018), Sociólogo francês, propõe a religação dos saberes com novas concepções, menos simplificadas, sobre o conhecimento e a educação, a qual intitulou de Os Setes Saberes Necessários à Educação do Futuro. Saberes estes que visam a formação de um ser consciente de si, do outro e da corresponsabilidade social, ou seja, que contribua para um repensar humano, resgatando dessa forma a humanização do próprio homem, um sujeito capaz de se reconhecer, de compreender e valorizar o outro, entender seu contexto, sentir-se responsável não apenas por si, mas também pelos demais e pelo todo.

A educação não deve ser confundida com a mera adaptação do indivíduo ao meio. Se fosse assim, seria apenas reprodução de conteúdos e culturas. Educação de qualidade abrange criação e renovação da cultura, envolvendo o ser humano em todos os seus aspectos.

Diante dos desafios do mundo globalizado, deve-se repensar o papel da escola, uma vez que o sujeito não pode tão somente adequar-se as exigências tecnológicas e de mercado; o sujeito nesse contexto necessita ser ativo, menos

egoísta, autônomo, mais humano e solidário, ter sua autoestima elevada, ser criativo, detentor de um saber cada vez mais atual e abrangente.

Portanto, a escola deve proporcionar ao aluno a percepção de sua inserção de forma participante na comunidade, visando contribuir coletivamente, como ressalta Magalhães (2001) “a escola da era da globalização deverá formar cidadãos que possam exercer, na sua comunidade, uma presença humanizadora, uma presença que implique não em competitividade, mas em vivência coletiva, em crescimento com o outro” (p. 03).

Nessa escola, o professor transmissor de conhecimento desaparece e dá lugar ao mediador, que assume a função de proporcionar ao aluno momentos de reflexão acerca de suas relações com o mundo, isto é, contextualizando o assunto abordado, tornando-se ativo no processo ensino-aprendizagem, construtor de seu conhecimento e agente de sua própria história.

A escola precisa ter como meta à formação de um sujeito crítico-participativo, capaz de lidar com as novas tecnologias, que saiba trabalhar em grupo. Nesse sentido, a educação precisa assumir, mais do que nunca, uma imprescindível missão, a de humanizar o próprio homem, para que se valorize mais, saiba compreender o outro e seja sujeito de transformação, sendo corresponsável pelo bom desenvolvimento individual e social.

Para tanto, torna-se necessário e importante que o corpo discente e não docente, tome conhecimento do meio social onde o sujeito/aluno está situado até como forma de saber lidar com algumas situações trazidas para o espaço escolar, que refletem diretamente na aprendizagem, e é por isso que se deve insistir na parceria. Escola e família não devem ter a presunção de achar que podem tudo sozinhas, que uma não precisa da outra na tarefa de educar.

Em diversas situações se observa que para alguns pais, o importante é que o filho esteja em “uma escola” estudando, não importa qual seja, sem contudo, atentarem para a necessidade de se fazerem presentes no seu cotidiano escolar e saberem da importância de acompanhá-los nas suas

atividades escolares, bem como no seu processo educativo. Acredita-se que um trabalho integrado entre família e escola possa responder positivamente à real necessidade dessas entidades vitais ao mundo.

A problemática social de muitos das comunidades brasileiras faz com que os profissionais e as instituições de educação tenham que considerar questões bastante complexas que não podem ser ignoradas, pois afetam diretamente a vida da criança [...] Só uma ação conjunta entre os diversos recursos de comunidade [...] pode encaminhar soluções mais factíveis com a realidade de cada situação”. (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p. 13)

Para propiciar uma autêntica relação entre família e escola, é salutar que a comunidade ajude a escola nas decisões, no acompanhamento do rendimento escolar dos alunos, na solidificação de medidas que favoreçam uma educação mais integrada e comprometida com a causa da sociedade.

A escola, em contrapartida deve retribuir, movendo-se em direção à comunidade, procurando compartilhar suas esperanças e anseios: não apenas esperando que a comunidade dê sua parcela de colaboração, mas auxiliando-a na solução de problemas que afetam o cotidiano escolar da criança onde a escola deve procurar estabelecer um vínculo de amizade entre os pais, para que os mesmos, tendo um bom relacionamento entre si, sejam pontes de comunicação externa, isto é, auxiliem na propagação das atividades programadas pela escola.

O bom relacionamento permite formar cidadãos adultos, conscientes, críticos e autônomos em condições plenas de participarem da luta por uma sociedade mais justa e mais igualitária a todos. Nesse sentido, várias ações devem ser encaminhadas, buscando envolver os pais e fazê-los parceiros entre si, da escola, da sociedade, em especial de seus filhos. Para tanto, surge um profissional importantíssimo, que reúne condições de estreitar ainda mais a relação entre família-escola, que é o Psicopedagogo. Tornando-se necessário aqui elucidar acerca da Psicopedagogia.

A Psicopedagogia

A Psicopedagogia é uma área de conhecimento e de atuação dirigida para o processo de aprendizagem humana. Seu objeto de estudo é o ser cognoscente, ou seja, o sujeito que se dirige para a realidade e dela retira um saber. Vista no âmbito de um sistema complexo e inerente à condição humana, a aprendizagem não é estudada pela Psicopedagogia no espaço restrito da escola, ou num determinado momento da vida, posto que ocorre em todos os lugares, durante todo o tempo da existência. Conforme ressalta o Código de Ética da ABPp – Associação Brasileira de Psicopedagogia – em seu Artigo 1º:

A Psicopedagogia é um campo de conhecimento e ação interdisciplinar em educação e Saúde com diferentes sujeitos e sistemas, quer sejam pessoas, grupos, instituições e comunidades. Ocupa-se do processo de aprendizagem considerando os sujeitos e sistemas, a família, a escola, a sociedade e o contexto social, histórico e cultural. Utiliza instrumentos e procedimentos próprios, fundamentados em referenciais teóricos distintos, que convergem para o entendimento dos sujeitos e sistemas que aprendem e sua forma de aprender.

Percebe-se, então, que a Psicopedagogia busca contribuições de diversas áreas do conhecimento na busca de melhor compreender e lidar com a aprendizagem, assim como, “que sua constituição se deu por meio da união de várias áreas do conhecimento, dentre as quais ressaltamos a Pedagogia, a Psicologia, a Filosofia, a Neurologia, a Sociologia, a Linguística e a Psicanálise” (BOSSA, 20011, p.39).

Tendo surgida na Europa, no final do século XIX, a Psicopedagogia chega ao Brasil, na década de 70, como um curso de extensão da PUC-SP. Em 1979 como um curso de especialização em problemas de aprendizagem. Em 1985, como curso de especialização em psicopedagogia na PUC-SP com enfoque preventivo. Essa especialização é aberta para pedagogos,

psicólogos, assistentes sociais, fonoaudiólogos, fisioterapeutas e outros profissionais que interessam pelo assunto.

Nos anos 80, alguns profissionais que terminavam sua especialização em São Paulo, organizaram um grupo para estudar a teoria e definir a prática que melhor trabalhasse os problemas de aprendizagem. Assim nasceu, a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp). Nessa época, a Psicopedagogia não era um saber com fundamentos próprios, mas uma síntese de conhecimentos pedagógicos e psicológicos, tendo como objetivo os sintomas das dificuldades de aprendizagem.

No Brasil, a Psicopedagogia veio suprir a necessidade de ajudar as crianças que tinham dificuldades de aprendizagem e a falta de pessoas com qualificação para lidar com estas crianças. Na verdade, a atividade psicopedagógica surgiu antes mesmo de qualquer curso. Surgiu da necessidade de ter um profissional que pudesse preencher um espaço que não poderia ser nem da psicologia, como também não poderia ser da pedagogia.

Desta forma, percebe-se que a Psicopedagogia

[...] surgiu da preocupação do (a) professor (a) em compreender a aprendizagem de seus alunos e por isso dizemos que aquele (a) que ensina se encontra na gênese da Psicopedagogia, a qual nasceu com uma função específica de compreender as dificuldades de aprendizagem, mas se foi configurando através destes anos como uma área parceira da família e da escola, para a compreensão do ser que aprende, do processo, assim como para a ação sobre estes aspectos relacionados ao ensino e à aprendizagem. (BARBOSA, 2006, p.10)

Assim pode-se considerar que a Psicopedagogia tem por objeto de estudo a aprendizagem como um processo individual, em que a trajetória da construção do conhecimento é valorizada e entendida como parte do resultado. Sua preocupação maior é o ser que aprende o ser cognoscente e o seu objetivo geral é desenvolver e trabalhar esse ser de forma a potencializá-lo

como uma pessoa autora, construtora da sua história, de conhecimentos e de forma adequada inserir-se num contexto social.

Portanto, a Psicopedagogia tem como objetivo o resgate de uma visão mais holística do processo de aprendizagem e dos problemas decorrentes desse processo. Despertar a atenção do aprendiz. Perceber e diagnosticar os problemas de aprendizagem. Elaborar formas de trabalho, a partir de cada caso. Sondar, compreender e buscar soluções eficientes com o intuito de resgatar a sua autoestima, diminuindo o fracasso escolar, uma vez que o Psicopedagogo com o trabalho de ensinar a aprender, recorre a critérios de diagnóstico no sentido de compreender problemas na aprendizagem.

O papel do professor e da professora no processo de ensinar e aprender é o de provocar situações nas quais aprender passe a ser interessante e prazeroso, não simplesmente facilitando as coisas para o aprendiz, mas permitindo que o mesmo consiga sentir a dor simbólica, as dificuldades, e perceba assim sua capacidade. Combinar com os aprendizes o funcionamento das aulas, seus conteúdos, as atitudes esperadas e as tarefas a serem feitas e avaliadas, promovem segurança para o aprendiz que apresenta dificuldade de concentrar-se, de acalmar-se e de relacionar-se de forma socialmente aceita. Até porque, conforme Barbosa (2006),

os aprendizes precisam de tempos diferentes, para se apropriarem de conhecimentos, portanto, devem aprender a conquistar o direito de solicitar mudanças nos encaminhamentos metodológicos das aulas, das atividades escolares ou extraescolares, para que este tempo seja respeitado ou modificado dentro do processo de aprender. Um tempo maior, mais curto, alternado ou compacto, pode ajudar a alguns e não ser bom para outros. (p. 163)

Enquanto a Psicopedagogia dirigiu-se no início, para os problemas relacionados com as dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar, hoje, visa favorecer a apropriação do conhecimento no ser humano, ao longo da sua evolução, ou seja, tem por objetivo a promoção de aprendizagem e configura-se como uma prática clínica que integra diferentes campos de conhecimento,

envolvendo elaboração teórica a respeito do ponto de convergência em que opera. Para tanto,

a escola de hoje não pode mais ser aquela em que o professor fala e os alunos reproduzem, tendo o silêncio como limite importante, nem aquela em que a memorização seja, a forma que determina a transmissão e retenção de conhecimentos, nem aquela em que o caderno seja o único local de registro, nem aquela que se resume numa sala de aula, um quadro de giz e muitas carteiras. A escola de hoje substitui o silêncio opressivo pelas discussões, pelas perguntas, pelas contra-argumentações, pelas relações estabelecidas entre interlocutores (BARBOSA, 2006, p. 90)

Diante desses avanços, o (a) aluno (a) que não está conseguindo aprender, é entendido (a) e trabalhado (a), não como alguém que possui déficit ou um problema, mas como um (a) aprendiz que possui um estilo de aprender diferente, que está diretamente relacionado ao estilo de família e da comunidade a que pertence.

O papel do psicopedagogo na relação família – escola

O Psicopedagogo é um profissional pós-graduado, que congrega conhecimentos de diversas áreas a fim de intervir no processo de aprendizagem humana, seja para potencializá-lo ou para sanar possíveis dificuldades. Atuando junto a professores, pais e equipe técnica, o psicopedagogo, analisa e assinala fatores que favorecem ou prejudicam uma boa aprendizagem. Propõe e ajuda no desenvolvimento de projetos que propiciem uma mudança no foco do problema, prevenindo defasagens ou inserindo alunos difíceis numa escolaridade normal e saudável que lhe dê condições de sentir prazer em aprender e aplicar o que aprende na sua vida diária.

Sendo importantíssima uma positiva e construtiva relação família-escola para um melhor êxito na aprendizagem, e como o Psicopedagogo é um profissional que atua em especial no combate às dificuldades de

aprendizagem, o mesmo não pode e nem deve eximir-se de programar esforços para que se estabeleça um clima favorável e amigável entre essas duas relevantes instituições, clima este, um dos aspectos para se alcançar o sucesso no processo ensino-aprendizagem.

O fato de o Psicopedagogo tomar uma postura neutra tende a facilitar sua aproximação tanto com os pais como os professores e demais profissionais da escola. Neutralidade esta, que através de entrevistas, participação em reuniões, etc., o deixará a par da situação, sendo o mediador da relação família-escola, ora agindo com os pais, ora com os demais profissionais da escola, ora com todos juntos, estabelecendo metas e mecanismos que visem uma coletiva responsabilidade com a efetiva aprendizagem significativa.

Assim, seu principal papel nesse contexto será o de lutar pela otimização da referida relação. A atuação do Psicopedagogo estará contribuindo para que realmente haja compromisso por parte das duas instituições, onde família e escola assumam com responsabilidade seus papéis educacionais, sem negligência e nem se culpando mutuamente, mas fazendo o que for necessário e possível na relevante tarefa de educar, de formar cidadãos conscientes, críticos-participativos.

A constituição como sujeito acontece a partir do desejo e do conhecimento dos outros, mas é no processo de conscientização de nossas limitações e de nossas conquistas que nos tornamos, como afirma Beauclair (2006), “o sujeito humano deve interagir com os objetos e com as regras do meio, mas deve também interagir com suas limitações, possibilidades, impossibilidades e carências enquanto ser vivente”. (p.22)

Nessa hora, cabe um novo olhar para auxiliar esse aprendiz, na união entre escola e família diante dos desafios a serem vencidos. Assim, estabelecendo parcerias entre escola e família, retira-se do aluno a condição de depositário do não saber, fazendo com que possa vir a ser e a fazer parte de um processo mais amplo de ensino e aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem podem ser observadas como oportunidades de aprendizagem

para todos, inclui desde o aluno, passando por sua família, engloba também a escola e os professores. Segundo Gasparian (2006),

a família poderá rever, refletir e analisar seus processos de relacionamentos interpessoais. A escola e os professores poderão pensar suas práticas e os resultados desse fazer educacional. Sob este ponto de vista, o sujeito que aprende é visto como um todo nessa rede de relações: um ser que é orgânico, intelectual, afetivo e desejante. (p. 26)

A abordagem psicopedagógica tem se valorizado cada vez mais ao ampliar os horizontes na educação dos jovens. Auxiliar a escola, a família, as instituições socioeducativas para perceber as bases de organização para o desenvolvimento da criança e do jovem, a importância do papel de todos os envolvidos e desenvolver uma reflexão conjunta para efetivar melhores condições de aprendizagem, é o caminho para a evolução.

A Psicopedagogia contribui significativamente quando possibilita um redimensionamento da práxis educativa, elaborando referenciais teóricos e práticos que facilitam a compreensão da própria complexidade presente na ensinagem e na aprendizagem.

Ao se tratar da aprendizagem na escola verifica-se que, numa concepção de educação em que a transmissão de conhecimentos é o único objetivo e a manutenção da realidade é a finalidade, o professor é simplesmente aquele que detém o conhecimento e, portanto, o transmite para os alunos. A capacidade de ver o outro, de captar a aprendizagem já existente no aluno, tende a não ser considerada pelo professor.

Por outro lado, numa educação que busca a transformação da realidade, o conhecimento passa a ser fruto de uma construção coletiva e assim, o professor é mais do que mero ensinante, haja vista que, o processo ensino-aprendizagem adquire movimento de troca e de crescimento mútuo, de um lado o professor ensina e aprende, e de outro, o aluno aprende e ensina, num processo dialético, permeado de contradições e mediações.

O processo pedagógico caracteriza-se, portanto, como um movimento próprio de idas e vindas, de construções sobre construções. São inúmeras as variáveis que interferem nesse processo, tais como as condições materiais e as relações simbólicas. E toda essa complexidade deve ser compreendida e trabalhada por aqueles que constroem o cotidiano escolar. (GRACINDO, 2004, p. 34)

Então, um ponto o qual o Psicopedagogo pode e deve explorar bastante, diz respeito à elaboração e efetivação do Projeto Político-Pedagógico (P. P. P) da escola, através do qual se reflete acerca da qualidade do trabalho que a escola vem realizando e pretende realizar, uma vez que, “o P. P. P. constitui o norte orientador das atividades curriculares e da organização da escola e se expressa nas práticas cotidianas...” (AGUIAR, 2004, p. 12)

Entretanto, o Projeto Político-Pedagógico, elaborado apenas por especialistas não consegue representar os anseios da comunidade escolar, por isso ele deve ser entendido como um processo que inclui as discussões sobre a comunidade local, as prioridades e os objetivos da escola e os problemas que necessitam ser superados, por meio da criação de práticas pedagógicas coletivas e da corresponsabilidade de todos os membros da comunidade escolar. Para a elaboração coletiva desse projeto educativo, é importante considerar que a escola e a família são realidades complexas, cada uma dentro de sua especificidade.

Neste sentido, o processo de construção do Projeto Político-Pedagógico, não é algo que se realiza com facilidade e rapidez. Em todo esse processo, deve-se ter clara a importância de conhecer os alunos: como a escola está trabalhando para atendê-los? Quais os dados relativos ao desempenho escolar? Quais as principais dificuldades na aprendizagem? Como está sendo o trabalho dos professores e especialistas que atuam na escola, a atuação dos trabalhadores não docentes, a atuação dos pais ou responsáveis e seus respectivos papéis?

Essas informações fornecerão um diagnóstico riquíssimo, auxiliando a atuação do Psicopedagogo, o qual perceberá como contribuir com a relação

família-escola, almejando assim, avanços verdadeiramente significativos no processo ensino-aprendizagem, perpassando em especial pelo sentimento de ser parte relevante do processo.

O sentimento de pertença da escola a todos os cidadãos a quem ela diz respeito requer a identificação ao seu projeto educacional. Se a participação requer compromisso com o projeto educacional coletivo, o compromisso advém dessa identificação, desse sentimento de pertença. As pessoas somente se comprometem com aquilo em que acreditam, com aquilo que lhe diz respeito, que faz sentido para suas vidas. Se é assim, então passam a querer exercer seu poder, participar das decisões, porque adquiriram a consciência de que estas afetam suas vidas.

Portanto, com a contribuição do Profissional da Psicopedagogia, Escola e Família tendem a efetivamente nutrir o sentimento de pertencimento no que tange ao processo ensino-aprendizagem, no sentido de que ao se darem as mãos poderão contribuir de forma exitosa para que o sujeito/aluno vivencie um contexto educacional que impulse a ser um autêntico protagonista de sua história e da história do meio que o cerca.

Considerações finais

Em virtude de a família ser considerada como expressão primeira e fundamental da natureza social do ser humano, pois possui vínculos vitais e orgânicos com a sociedade, uma vez que constitui seu fundamento e alimento contínuo – é dela que nascem os cidadãos e nela encontram, ou deveriam encontrar as virtudes para o seu desenvolvimento – constituindo-se como instrumento mais eficaz de humanização e de personalização da sociedade. E nessa ampliação da vida em sociedade encontra-se a escola, como uma das famílias das quais o indivíduo é membro e que, entre outras, têm a função de formar cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la.

Como espaço de formação dos sujeitos que estão na sociedade, vivem e não apenas serão inseridos nela, a escola precisa estar preparada para

oferecer aos alunos uma formação que lhes permita transitar nesse mundo de forma crítica, como propositores de uma nova ordem e como sujeitos interventores no futuro que cada um pode construir hoje.

Nesse sentido, a escola precisa definir claramente que tipo de sociedade, que tipo de homem/mulher, que tipo de ética, que tipo de sentimento e que tipo de relações quer desenvolver e construir com os sujeitos do processo educativo. A escola, enquanto instituição formadora, não pode se furtar a essa tarefa, sob pena de não estar cumprindo com sua função. Se a família falha nas suas responsabilidades e funções primordiais, se as relações entre as pessoas passam a serem ditadas apenas pelo egoísmo, pelo interesse pessoal e pelo descompromisso total, os reflexos dessa falência podem comprometer profundamente os seus membros e os seus filhos, originando-se desajustes pela vida afora.

Constatar o problema, reclamar dele, são atitudes que não resolvem. Se a escola não consegue cumprir seu papel de ensinar, precisa assumir com os pais e os alunos a tarefa de formação. Não adianta a escola atribuir a educação de seus alunos aos respectivos pais nem os pais exigirem da escola tal função. Logo, nada mais necessário, de que a aliança entre família e escola se efetive, buscando a promoção de uma autêntica e madura comunhão e socialização de ideias que se configurem como estímulos para as relações mais amplas que o sujeito irá enfrentar no decorrer de sua existência.

A construção de uma escola cidadã, que promova a inclusão social, a qualidade de vida e a cultura da não violência devem ser feitas a partir de um projeto pedagógico progressista, confrontando com as transformações que ocorrem hoje no campo do conhecimento, que garanta aos profissionais da educação, aos alunos e seus familiares a possibilidade de se transformarem em agentes e atores do processo educacional.

Portanto, essas relevantes instituições, família e escola, preferencialmente orientadas e acompanhadas pela Psicopedagogia, devem procurar educar com base nos valores necessários a uma convivência mais respeitadora e harmônica, posto que, é notória a ausência de valores,

especialmente afetividade e respeito, em atitudes no âmbito familiar e escolar; preparando-os ainda para saberem lidar adequadamente com as exigências dos tempos modernos, podendo dessa forma, ocuparem de maneira exitosa, seus devidos espaços na sociedade, seja no âmbito educacional, profissional ou social.

Referências

AGUIAR, Márcia Ângela da Silva. **Conselho escolar e o aproveitamento significativo do tempo pedagógico**. Brasília: MEC, SEB, 2004.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **Psicopedagogia: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação**, 2 Ed. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.

BEAUCLAIR, João. Subjetividade em educação. Revista Psiquê. Psicopedagogia Para quê? Ano I, nº 02, p. 19-23, São Paulo – SP, Escala, 2006.

BOSSA, N. **A Psicopedagogia no Brasil, contribuições a partir da prática**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2011.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

ABPp. **Documentos e Referências - Código de ética do Psicopedagogo**. Associação Brasileira de Psicopedagogia. Disponível em <https://www.abpp.com.br/documentos_referencias_codigo_etica.html>. Acesso em: 06 de setembro de 2020.

CHRAIM, A.M. **Família e escola: arte de aprender para ensinar**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

CURY, Augusto Jorge. **Os segredos do Pai-Nosso**. 3 Ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

GASPARIAN, Edith. Em busca dos Responsáveis. Revista Psiquê. **Psicopedagogia Para quê?** Ano I, nº 02, p. 39-47, São Paulo – SP, Escala, 2006.

- GRACINDO, Regina Vinhaes. **Conselho escolar e a aprendizagem na escola**. Brasília: MEC, SEB, 2004.
- HEERDT, Mauri Luiz. **Como educar hoje? reflexões e propostas para uma educação integral**. São Paulo: Editora Mundo e Missão, 2005.
- MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. **A Prática Docente na Era da Globalização**. 2001. Disponível em <<http://everton13geografo.blogspot.com/2013/04/a-pratica-docente-na-era-da-globalizacao.html>>. Acesso em: 13 de março de 2020.
- MORENO, Ciriaco Izquierdo. **Educar em Valores**. Trad. Maria Luisa Garcia Prada. 3ª Edição – São Paulo: Paulinas, 2005.
- MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Editora Cortez, 2018.
- NOLTE, Dorothy; HARRIS, Rachel. **As crianças aprendem o que vivenciam: o poder do exemplo dos pais na educação dos filhos**. Trad. Maria Luiza Newlands Silveira, Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- TAVARES, Camila Mendes Martins; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. **Relação família-escola: possibilidades e desafios para construção de uma parceria**. Revista Formação@Docente – Belo Horizonte – vol. 5, nº 1, jan-jun. 2013. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas-izabela/index.php/fdc/article/view/309/336>>. Acesso em: 06 de setembro de 2020.
- TIBA, Içami. **Ensinar Aprendendo – como superar os desafios do relacionamento professor-aluno em tempos de globalização**. 29 Ed. São Paulo. Editora Gente, 2012.
- TIBA, Içami. **Quem Ama, Educa!** 1 ed. São Paulo/SP: Integrare, 2007.